

O QUE NOS ENSINA OS POVOS INDÍGENAS SOBRE A INFÂNCIA - UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-023>

Data de submissão: 04/01/2025

Data de publicação: 04/02/2025

Jurema de Aquino Nunes

Mestra em Educação: Gestão de Ensino da Educação Básica
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4004528981290899>

Fabiana Oliveira Canavieira

Professora Doutora do Departamento de Educação I
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4194349333592162>

Edilene de Jesus Furtado Ferreira Vieira

Mestra em Educação: Gestão de Ensino da Educação Básica
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2231870365165100>

Thayllon Monteiro Veloso

Mestre - PPGEEB – UFMA
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4337240533260369>

Josenice Silva Trindade

Especialista em Gestão Educacional e Escolar
Universidade Estadual do Maranhão -UEMA
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/1488978155414953>

Bruna Monique Cunha Rodrigues

Mestranda – PPGEEB – UFMA
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7185354884919781>

Dania Rafaela Ferreira Carvalho

Mestra - PPGEEB – UFMA
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-0819>

Marise Marçalina de Castro Silva Rosa

Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6662-820X>

Arteane Gomes de Sousa Setúbal

Mestra - PPGEEB – UFMA

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4364221642092304>

RESUMO

O presente artigo se origina a partir de um recorte da pesquisa do mestrado, precisamente da observação das crianças de uma creche municipal em Floriano-Piauí, especificamente nas turmas de 2 e 3 anos, tendo como objetivo aprofundar o debate por uma proposta de educação da pequena infância a partir da cosmovisão dos povos indígenas, se inspirado no brincar das crianças indígenas imersas na natureza. Apresentando a defesa do brincar livre em contato com a natureza e da cosmovisão indígena que foi evidenciada na pesquisa. Levantado alguns questionamentos: Por que o momento das brincadeiras livres, são tão reduzidos? Por que quase nunca acontece momentos de entrelaçamento com a natureza? Buscou-se respostas através da pesquisa exploratória que se fundamenta principalmente nos autores Prodanov e Freitas (2013), que afirmam [...] esse tipo de pesquisa tem as seguintes características de [...] orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto (p. 51). Concluímos que uma proposta de educação de crianças pequenas, a partir da cosmovisão dos povos indígenas, passa pela ideia de colocar o coração no ritmo da terra, oportunizando a elas uma conexão profunda com o mundo ao seu redor, um contato fundamental para que incorporem em suas identidades valores como cuidado e pertencimento.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincar Livre. Infância Indígena. Natureza. Infância.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo surge a partir da pesquisa de mestrado que resultou na dissertação intitulada “Histórias e Culturas Indígenas na Educação Infantil: Os saberes e fazeres de professoras nas redes municipais de educação de Barão de Grajaú/MA e Floriano/PI”¹ que teve como foco, fazer um diálogo a partir das concepções de criança e infância ao longo da história, não se detendo nas concepções desenvolvidas na Europa, e aqui refletindo a partir do que coloca Nunes (2002) [...] não devemos querer que se repita um erro do passado, a saber, que o conhecimento construído sobre a infância seja apenas o das sociedades dominantes, e que o entendimento de todas as outras partes da aplicação desse modelo, sem questionar, perpetuando-se assim a hegemonia de um padrão “criança” ocidental e eurocêntrico. [...] o que nos interessa é desconstruir esse modelo” (p. 66), e para isso, continuando a fuga dos padrões tradicionais, faz a defesa da necessidade da exploração de outras formas de infância que foram historicamente invisibilizadas, a infância das crianças indígenas.

Na inspiração da infância indígena, com base no estudo antropológico de Angela Nunes (2002) “No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwē-Xavante”, tem como objetivo aprofundar o debate por uma proposta de educação de crianças pequenas, a partir da cosmovisão dos povos indígenas, entendendo que pensar a temporalidade da infância é pensar para o futuro, parafraseando o autor indígena membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), pensar a infância como um “Futuro Ancestral”.

Tive uma infância andando descalça pelas ruas correndo livremente brincando de pular saco entrávamos em um saco grande e tínhamos de ir de um ponto a outro quem chegasse primeiro ganhava a brincadeira empoeirados pela terra que nos recebia a alegria era contagiante em nosso rosto nos dias de chuva a festa era garantida poças de lama eram as preferidas da garotada mas nada superava os banhos de Rio pela manhã e à tardinha de longe eu ouvi as crianças me chamando para nadar passávamos pela frente da casa e com grito forte dizia: Ngĩa ta aiyagü tatüwa?, que em português quer dizer vamos tomar banho no rio? (Kambeba, 2021 p. 12)

De acordo com Nunes (2022 p. 65) [...] a criança das sociedades urbanas acaba por ser isolada em espaços e tempos definidos pelos adultos [...]. Nas sociedades indígenas brasileiras, de acordo com os relatos e trabalhos disponíveis, a fase que corresponde à infância é marcada pelo que consideramos ser uma enorme liberdade na vivência do tempo e do espaço, e das relações societárias[...], diante dessa sustentação para a liberdade (do brincar) na infância, fase que a criança está frequentando as escolas/creches, algumas perguntas surgiram, então ao questionar o fazer pedagógico no cotidiano da Educação Infantil, algumas questões foram levantadas, são elas: Por que manter crianças entre quatro

¹ Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da educação Básica-PPGEEB da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem na Educação Básica.

paredes com tantas mesas e cadeiras enfileiradas? Por que tantos espaços concretados? Por que o momento das brincadeiras livres, são tão reduzidos? Por que quase nunca acontece momentos de entrelaçamento com a natureza? Por que a natureza só é lembrada de modo experiencial na data comemorativa de 21 de setembro (dia da árvore)? E principalmente, por que o uso excessivo de papel impresso na Educação Infantil?

Trata-se de um estudo bibliográfico, que a partir da relevância das questões acima, buscou-se trilhar o caminho da pesquisa exploratória para encontrar respostas, segundo Gil (2008) esse tipo de pesquisa [...] proporciona maior familiaridade com o problema (evidenciá-lo). O uso de imagens, serve como registro da semana que foi dedicada ao brincar livre nas áreas verdes de uma escola/creche no município de Floriano/PI.

[...] O material etnográfico que será apresentado e analisado neste ensaio sobre as crianças Xavantes foi captado num cenário distante e diferente daquele em que os investigadores citados realizam suas pesquisas então pouco se reporta a escola como espaço e tempo escolar institucionalizado reporta-se sim a um espaço e há um tempo de sociabilidade e educação informais que existe e é vivenciado concretamente pelas crianças e que penso deve ser respeitado e considerado ao refletirmos sobre os rumos da educação escolar [...] (Nunes, 2002 p. 67).

Partilhando da ideia de que tempo e espaço são experiências que devem ser vivenciadas de forma singular por cada indivíduo, passou-se a observar crianças de 02 e 03 anos das quatro turmas de creche I e II no turno da manhã. Sendo feitas observações em sequência, pré listada considerando características lúdicas. Ainda de acordo com Nunes (2002) as crianças A'uwē-Xavante, tem [...] rotinas e o brincar estão intrinsecamente ligados muito embora essa ligação nem sempre seja consciente nem intencional isso quer dizer que o brincar ao qual me refiro não é o que tem hora marcada para acontecer ou regras para determinadas como num jogo de futebol, por exemplo, e sim o que é inerente às crianças e que dela emana, seja o que for que elas estejam fazendo [...] (p. 69).

Desse modo, foi observado a movimentação das crianças no espaço aberto sem dar limite e também limitando a área para brincar (explorar), dando atenção a suas falas e questionamentos (momento de escuta), a formação de grupos (momento de interação) e ócio (descanso).

2 INFÂNCIAS E O CORAÇÃO NO RITMO DA TERRA

[...] favorecer a retomada, pelas crianças, dos pátios escolares: espaços públicos que a elas pertencem! Porque se nas salas a situação de emparedamento é assegurada graças à imposição de mecanismos de controle que valorizam comportamentos e valores individualistas e competitivos, nos pátios as crianças poderão exercitar a democracia necessária às sociedades sustentáveis e democráticas: em conexão com a natureza, livres em sua movimentação,

potentes na alegria de brincar, criar, revolucionar! É desses seres que o mundo necessita! (Timbira, 2018).

Imagem 1 – Crianças brincando livremente sem espaço limitado



Fonte: acervo pessoal

Durante uma semana no mês de agosto do ano de 2024, foi realizado algumas atividades fora do planejamento determinado pela coordenação da creche, com quatro turmas de 2 e 3 anos. Sem orientações pré-determinadas de aprendizagens, somente com orientações de uso dos pátios de forma livre, a ordem era apenas brincar, brincar sem pressa e sem tempo cronometrado, brincar por brincar aproveitando as áreas verdes e as sombras das árvores.

Considerando os espaços disponíveis, as crianças foram observadas a partir das leituras sobre a infância indígena: como se comportaram, seus ritmos, interações com seus pares, com a natureza e seus interesses, com isso refletindo no que ensina o autor indígena Daniel Munduruku, “O tempo do corpo é o tempo da natureza. Respeitar este tempo é oferecer ao corpo tudo o que ele precisa para viver com equilíbrio. [...] o corpo segue o tempo de suas necessidades, obedecendo a circularidade que a própria natureza lhe desperta” (Munduruku, 2018).

Ao observar as crianças brincando de bola, pega-pega, correr em grupo, em dupla ou sozinhas, é impossível não lembrar das brincadeiras de roda (cirandas), que ao longo dos anos tem desaparecido dos momentos de brincadeiras das crianças, e isso provavelmente tem acontecido porque o duração estimada da brincadeira, é entre 30 e 40 minutos, porém o tempo destinado pelas escolas/creche para brincadeiras livres, é apenas 15 minutos para o recreio. Esse desaparecimento causa prejuízos em toda herança cultural que vai formar a identidade das crianças.

Ao proporcionar pequenas caminhadas nos pátios, as crianças fazem verdadeiros passeios como se estivessem numa floresta, coletando flores e sementes, olhando cada cantinho como nas

muitas histórias contadas nos livros infantis, um deles diz que observando “[...] a cunhã ouve a floresta para entender o lugar” (Kambeba, 2023 p. 20, posição 12 do Kindle). Há muito tempo tem se falado do distanciamento das crianças e a natureza, e o debate volta a emergir diante do grave problema do nosso tempo que é o uso prejudicial das telas na infância, quando as crianças estão ficando muito tempo em contato com aparelhos eletrônicos. Principalmente no contexto urbano, sem importar o tamanho da cidade, o mundo natural que tinha deixado de ser visto essencial, volta a ser considerado elemento fundamental, visto com olhos brilhantes como parte indispensável para a infância.

Imagem 2 – Crianças brincando livremente em espaço delimitado



Fonte: acervo pessoal

Num espaço limitado, as crianças continuarão brincando, mesmo que agora façam pequenos grupos e as brincadeiras sejam percebidas ao mesmo tempo. Proporcionar momentos de brincadeiras na areia, aproveitar as sombras das árvores para fazer piqueniques, momentos de encantamento com o canto dos pássaros, observar um formigueiro ou apreciar belas flores são experimentações que colocam as crianças em contato com as belezas e os encantos da vida. E ao perceber como é apresentado a natureza à criança indígena, facilmente se compreende que para a criança não indígena, não precisa ser diferente.

Apreendi com meu povo o verdadeiro significado da palavra educação quando via o pai ou a mãe do menino ou da menina conduzindo-os passo a passo no aprendizado cultural. Pescar, caçar, fazer arcos e flechas, limpar o peixe, cozê-lo, buscar água, subir na árvore etc. Em especial, minha compreensão aumentou quando, em grupo, deitávamos sob a luz das estrelas para contemplá-las, procurando imaginar o universo imenso à nossa frente, que nossos pajés tinham visitado em seus sonhos. [...] Percebi que na sociedade indígena educar é arrancar de dentro para fora, fazer brotar os sonhos e, às vezes, rir do mistério da vida (Daniel Munduruku, 2013 p. 57).

Não vivenciar esses momentos seja na escola ou em outros espaços, gera empobrecimento das experiências que as crianças devem e precisam vivenciar. Experiências que constituem aprendizagens significativas, permitindo às crianças interagir com o mundo. Sendo assim, é fácil entender porque mesmo vivendo no contexto urbano, os povos indígenas buscam manter a conexão com a natureza.

Os povos indígenas têm uma coisa em comum: uma mensagem de amor pela Mãe Terra, de apego às raízes ancestrais transmitidas pelos rituais; um profundo respeito pela natureza, buscando caminhar com ela por meio de um conhecimento das propriedades que nos oferece e com as quais sustenta cada povo, como uma mãe amorosa que sempre alimenta seus filhos (Munduruku, 2013).

Imagem 3 – Crianças explorando espaços verdes livremente



Fonte: acervo pessoal

Ailton Krenak, filósofo e escritor indígena nos ensina que é em fricção com a natureza que as aprendizagens acontecem.

Se observarmos uma criança na aldeia durante seus primeiros cinco anos de vida, ela ficou suja de barro, tomou chuva. Uma criança que pode subir em árvore, que pode levar picada de marimbondo, formiga, está exposta a riscos e isso a ajudará a lidar com o mundo. Ela será capaz de criar e se proteger no mundo. Se você só tem insegurança e medo em relação a tudo que está ao seu entorno, é difícil desenvolver uma atitude colaborativa” (Krenak para o portal Lunetas, 2017).

Imagem 4 – Crianças explorando espaços verdes livremente 2



Fonte: acervo pessoal

Pensar na exploração livremente, é oportunizar às crianças novas descobertas, brincar com elementos naturais sem a obrigação de rabiscar ou colorir folhas de papel, mas de ter contato com frutas, sementes, água, folhas secas, galhos, gravetos, formigas e joaninhas. Esse movimento, deixa evidente a necessidade de (re)pensar o fazer pedagógico na Educação Infantil, entendendo que o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, uma vez que, é a partir dessa atividade que as crianças experienciam, exploram, investigam e manifestam sua criatividade.

Outra forma dos povos indígenas manter a conexão com a natureza, são os jogos tradicionais, as danças, as histórias e seus rituais envolvendo toda a comunidade. Essas atividades mantem viva a cultura e fortalece os laços sociais, além da identidade coletiva.

Daniel Munduruku em seu livro “O Banquete dos Deuses” apresenta que [...] a cultura indígena expressa no seu processo educativo: tratar a criança como criança, um ser brincante que forma seu olhar sobre o mundo a partir de sua vocação interna: os jogos e as brincadeiras (p. 79-80), e essa explicação do escritor, vai de encontro ao modo como muitos educadores entendem a infância, mas que por causa das legislações, dos planejamentos enquadrados, muitas vezes engessados pelas secretarias de educação para caber no horário escolar inflexível, acabam por não proporcionar à criança construir seu repertório de pertencimento ao mundo e à sua cultura.

[...] brincar é fundamental porque ao mesmo tempo em que a criança interage, ela exercita várias capacidades e funções, aprende sobre si mesmo e o outro. [...] qualquer elemento da natureza pode transformar em brinquedo, como pedras, folhas, galhos, frutos, sementes, água,

vento. E assim, por meio da imaginação e das representações sociais e culturais, ela puxa o fio para inventar estórias (Teixeira, 2024).

Imagem 5 – Crianças brincando livremente em espaço limitado



Fonte: acervo pessoal

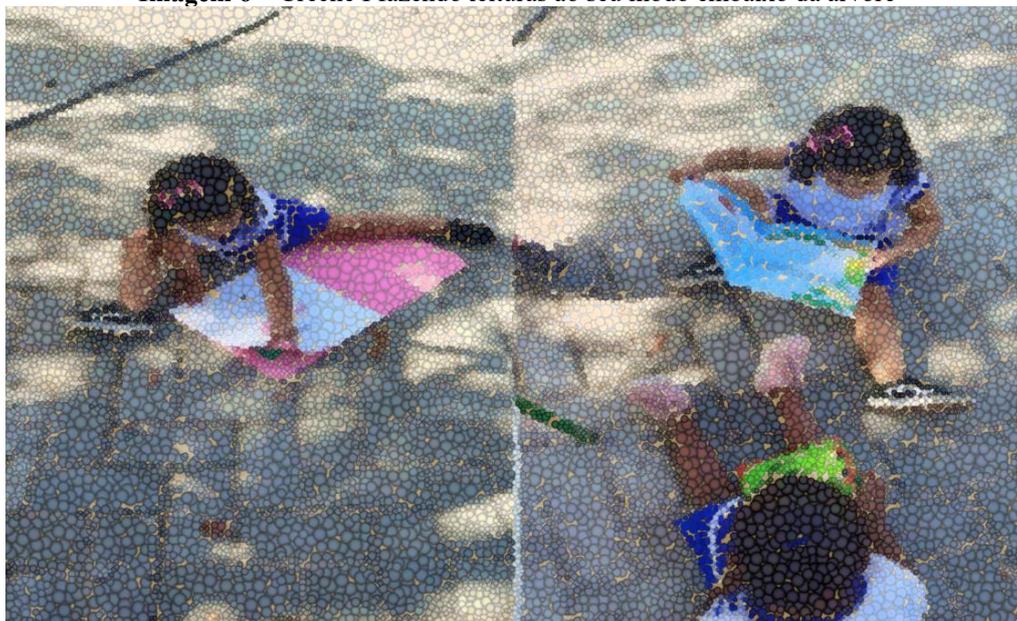
Somente quando entrei na escola é que comecei a ouvir a pergunta que tinha em si a afirmação de que eu precisava ser alguém quando crescesse. Não lembro de meu pai ou minha mãe ter me colocado a obrigação de ser outra coisa além do que eu já era. E o que eu era? Criança. Era a única coisa que eu tinha de ser, portanto. Eu não precisava ser mais nada (Daniel Munduruku, 2017).

Os povos indígenas nos trazem grandes ensinamentos a respeito da infância, do meio ambiente e da nossa própria história. A Lei 11.645/08 torna obrigatório o ensino de história e cultura indígena nas escolas, mas infelizmente essa não é uma realidade, principalmente nas escolas/creches e o apagamento a essa memória ainda são persistentes. Com essas memórias esquecidas, todos perdem e não somente os povos originários.

A partir da vivência dos povos Baniwa, é possível compreender melhor a Pedagogia da Terra, onde a educação acontece em sintonia e no ritmo da natureza. Na fala de Gersem Baniwa (Diretor-presidente do Centro Indígena de Estudos e Pesquisas – CINEP), fica evidente a importância do contato com a natureza, a interação com o outro e as brincadeiras na infância.

A primeira coisa que a criança aprende, é aprender a cuidar. A cuidar de si, cuidar da natureza. Cuidar da natureza, cuida de si [...] jovens estudando embaixo de uma árvore que está garantindo sombra. São experiências que acontecem dentro da escola [...] (Baniwa,2024).

Imagem 6 – Creche I fazendo leituras ao seu modo embaixo da árvore



Fonte: acervo pessoal

Ao refletir sobre a fala do professor doutor em Antropologia, pode-se perguntar: Por que não fazer uma Educação Infantil não indígena, com base na chamada Pedagogia da Terra? Como ele bem explica, [...] Viver na natureza, com a natureza, como experiência, como exercício de liberdade e democracia na diversidade de seres humanos e não-humanos” (Baniwa, 2024).

Fazer uso de um livro, um brinquedo de forma descontraída embaixo de árvore, sem a obrigação de aprender a ler ou de conhecer o alfabeto, proporciona à criança a oportunidade de aprender a aproveitar a sombra para aquele momento, que mesmo sem ainda entender quão importante é a sua preservação daquela árvore, para a criança, naquele contexto o que mais importa é o imaginário, a fantasia, a alegria de brincar e apreciar sem a preocupação, sem a cobrança do tempo, o sentimento manter aquele espaço um lugar agradável a todos, vai surgir a partir das memórias criadas na infância, que segundo os povos indígenas [...] A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo (Munduruku, 2013).

A Educação Infantil não precisa ser cheia de folhas com atividades prontas e com imagens estereotipadas, ela precisa de mais momentos de liberdade para: explorar, participar, descobrir, demonstrar, mostrar, conviver, conhecer e brincar. Krenak (2022) nos ensina que: "Esse é o mistério indígena. Um legado que passa de geração a geração, o que as nossas crianças aprendem desde cedo é colocar o coração no ritmo da terra" (p. 60. posição 571 Kindle). É brincando, explorando, descobrindo com e na natureza, que as crianças podem ser mais felizes e menos expostas aos aparelhos eletrônicos.

Imagem 7 – Criança observando os seres não-humanos



Fonte: acervo pessoal

Em suas aventuras abordadas no livro *Meu vô Apolinário*, o indígena conta como era observar os seres não-humanos durante seus momentos na aldeia,

Na roça eu gostava de ficar perseguindo as formigas. Elas são interessantes porque trabalham o tempo todo. Via todas indo e vindo para um lugar indeterminado, uma grande confusão. [...] De vez em quando paravam e trocavam algumas ideias (p. 15)

Toda criança ao ter a chance ver um formigueiro de perto, é possível que tenha o mesmo pensamento, e logo começa a criar alguma história como fazia o autor/escritor indígena, esse tempo de observação desperta o imaginário, podendo gerar narrativas fantásticas sobre o que está vendo. Essa criatividade aguçada pela curiosidade, são importantes para o desenvolvimento da criança, lhe permitindo explorar cada vez mais o ambiente em que vive.

Eu ficava imaginando a conversa:

"Olá, minha parente, tudo bem aí? Está pesada essa folha? Quer ajuda?"

"Tá um bocadinho, sim, mas acho que dou conta de levar até em casa. Será que vai chover hoje?"

"Acho que não. O tempo está firme. Mas, pelo sim pelo não, é melhor a gente se apressar."

"É isso aí! Vamos nessa."

"Tchau!"

Eu tentava persegui-las e ia atrás delas até onde fosse possível, no entanto elas sempre escapavam da minha vigilância. (Munduruku, 2013).

3 CONCLUSÃO

[...] Eu já frequentei escola em aldeia embaixo de uma árvore e achei muito bom. As pessoas estavam à vontade naquela experiência [...] sabem que a experiência pedagógica pode ser realizada na beira do córrego, numa laje de pedra, em qualquer lugar [...] (Krenak, 2022 p. 59).

Você consegue idealizar uma criança sem o brincar? O brincar é necessário e indispensável para o desenvolvimento infantil, não é somente uma atividade espontânea da infância, mas uma experiência primordial para o desenvolvimento integral das crianças.

Certa vez li uma frase que dizia que as brincadeiras são o coração da infância, um pensamento perfeito que permite compreender que é por meio do lúdico e das brincadeiras, que as crianças exploram o mundo ao seu redor e a si mesmas, desenvolvendo habilidades sociais e emocionais, além de fortalecer os vínculos afetivos. Nas brincadeiras, as crianças não são passivas, mas agentes de seu desenvolvimento.

Como isso, concluímos que uma proposta de educação de crianças pequenas, a partir da cosmovisão dos povos indígenas, passa pela ideia de colocar o coração no ritmo da terra, oportunizando às crianças uma conexão profunda com o mundo ao seu redor. Permitindo que elas aprendam na prática sobre o respeito e o cuidado com o planeta que é fundamental para a sobrevivência e bem viver dos seres humanos e não-humanos.

As brincadeiras ao ar livre em contato com a terra, com a água e com a natureza, são maneiras de demonstrar para as crianças que o mundo que elas estão habitando pertence a outros seres vivos. Esse contato é fundamental para que incorporem em sua identidade valores como cuidado, respeito e pertencimento.

REFERÊNCIAS

BARROS. Maria Isabel Amando, Desemparedamento da infância A escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: 2ª edição, jul. 2018.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. O futuro é ancestral. São Paulo: Companhia das Letras. 1ª ed., 2022. Edição do Kindle

LUCIANO, Gersem José dos Santos. Entrevista com Gersem Baniwa, Brasília, 2017

MUNDURUKU, Daniel. Foi vovô que disse. Porto Alegre: Editora Edelbra, 2015. 2ª Edição.

MUNDURUKU, Daniel. O banquete dos deuses - Conversa sobre a origem e a cultura brasileira. São Paulo; Ed. Global. 1ª ed., 2013.

MUNDURUKU, D. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970 – 1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

NUNES, Angela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwê-Xavante. En: SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera da Silva; Nunes, Angela (orgs) Crianças Indígenas - Ensaios Antropológicos. São Paulo, Global, 2002, p. 64-99.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de, Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico, 2ª Ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo- ASPEUR Universidade Feevale, 2013.

Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>, acesso em: 09/01/22.

TEIXEIRA. Vivian. Pesquisas mostram a importância da natureza para o desenvolvimento infantil. Disponível em <https://fapemig.br/pt/noticias/1189/> acesso em 13/01/2025.